

Um cão late na noite

Sérgio Arruda de Moura

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022



1

TANTAS HISTÓRIAS

Na praça circundada por prédios de apartamentos, certo homem acomodado em um banco, tão cedo da manhã, tenta ler um jornal. Seus esforços em dobrar as vastas páginas para melhor concentrar os olhos são arruinados pelo vento, o mesmo vento que faz balançar a folhagem das amendoeiras. Também soprava um vento de realismo mágico naquele dia fatal espalhando folhas em redemoinho. Joaquim de Assis afastou da cabeça a imagem do filho caído morto aos pés daquele banco e se concentrou na cena logo abaixo.

Apoiando o jornal sobre o peito e pressionando o queixo sobre as folhas, o tal homem conseguiu dobrar a maçaroca de papel numa área de texto sobre a qual fixou os olhos em relativa calma. Mas, quando pensou que o vento dava trégua, de novo se punha a soprar.

“Poucas coisas fazem isso nestes insípidos tempos presentes, o que nos anima a dizer que eles mudaram e que quase não há mais paixões, mas apatia e alheamento do mundo real

Um cão late na noite • 7



e concreto dos nossos dias” — alguém, certamente ele mesmo, teria escrito em uma das seções do jornal ao sabor do que pretendia ser uma reflexão sobre os tempos atuais de tão severas transformações. A frase, fora do seu contexto, era incompreensível, e funcionava mais como um exercício retórico de cronista barroco — sim era isso que vinha se tornando, barroco... aquele cronista.

E Joaquim de Assis celebrou o instante com um certo desapontamento a partir da sua janela — a tal janela, atroz, de onde vira... — tão bem prismada no terceiro andar, bem em frente da cena, de todas as cenas. Confirmou o que a memória de fato é: impertinente, que não é o vaso nem o seu espaço oco, nem o que se possa colocar dentro dele, mas os seus estilhaços depois de quebrado, alguns perdidos, tentando recompor a sua antiga forma. Tinha aquela praça e o banco na devoção de um templo, lugar de confirmação sobre a inutilidade da vida, ou do fim de todos os sonhos, os bons e os maus. Contudo, a mancha de sangue do seu filho tombado estava gravada nas suas retinas em olhos que julgavam já terem visto de tudo.

O tal homem que tudo vira continuava lendo. Sua presença quieta tão cedo da manhã não perturbava os passantes, nem ninguém parecia sequer percebê-lo — o banco de praça soava antigo junto com ele, embora muitos ainda pudessem ver nele um dos vestígios da cidade acolhedora de outrora.

Joaquim dirigiu-se à cozinha. Acomodou a água e o pó na cafeteira italiana, acendeu o fogo, voltou à sala e colocou-se de novo à janela.

Mirou no homem (esperando algum episódio?), da outra janela da sala, aquela janela angulada em prisma que tanto evitava.

“É o Esteves da banca de jornal — certificou-se do que já desconfiava, as feições contraídas, assim que seus movimentos afastaram as folhas de seu rosto.

— Não merecia ver sua banca transformada num bazar...

Uma conhecida passou e o cumprimentou.

Honorato também o cumprimentaria, se sentaria com ele e puxaria um longo dedo de prosa. Honorato faz, o Esteves vende — cada vez menos, “sinal dos tempos”. Refletiu sobre a sentença que um dia tinha sido o próprio Honorato a pronunciar, ele próprio vítima de tantos outros sinais dos tempos, e retomou a frase gongórica, da qual subitamente se envergonhava, “quase não há mais paixões, mas apatia e alheamento do mundo real e concreto dos nossos dias”.

Em seguida, o velho — sim, já era velho — voltou a se concentrar na leitura, o que durou apenas um escasso tempo. Desdobrou as páginas e procurou virá-las e eis que uma nova lufada de vento forte arremessou tudo em seu rosto. Com movimentos firmes e irritados arremessou o papel para trás. Escolheu uma nova seção e continuou a leitura, depois de tomar as providências de dobrar as folhas. Lá se foram mais alguns esforços, sempre repetidos no exercício de domar o papel contra o vento, a cada nova página.

“Esta cena urbana típica de cidade que tem jornal diário circulando está em franco processo de desaparecimento”, era Honorato quem nunca se cansava de repetir. “Mas ainda dá

Um cão late na noite • 9

os seus suspiros, pois poucos lamentam isso, ah, o espírito da letra impressa e o cheiro do papel e da tinta, cheiro simbólico de sangue, corrupção e trapaça” — exortava suas plateias jovens ao conhecimento e à análise, às voltas com a iniciação no jornalismo em tempos de profundas transformações técnicas e de princípios.

— Será verdade, ou cabe recurso?

— Ah, sim, cabe. Tudo muda para se manter o mesmo... Sabiam? Antes de sair à rua no fim de semana, eu destacava a página da programação cultural, dobrava e guardava no bolso de trás”, dizia Honorato, testemunha de velhos tempos, tudo isso junto com Joaquim de Assis.

Era talvez isso que o Esteves lamentava àquela hora, ele que sempre viveu da venda de jornais, revistas, impressos diversos. Ainda ontem se queixava com Joaquim no seu bom português lusitano:

— O que o amigo está a escrever por esses dias? — dizia simulando impaciência. — Não podia o amigo impressionar os leitores com novas fórmulas, novos impressos atraentes?

Joaquim respondia que sim, que estava tentando.

O Esteves, como alguns outros tantos, se mantinha e lutava por seu comércio de jornais, revistas e outros impressos, mas jornais, principalmente jornais, cheios de sangue e vida, que lhe ataçavam o charme irresistível da folha estendida nas laterais da banca, se autoanunciando, clamando serem comprados e levados embora com notícias ruins e pouco alvissareiras, mas sempre notícias para, no dia seguinte, forrar gaiolas e poleiros, além de embrulhar peixe na feira.

— Hoje esse miserável vende! Está cheio de sangue! — exultava ele ao mesmo tempo que lamentando tanta desgraça.

O português também lamentava o anúncio do fim da letra impressa em papel toda vez que passava alguém por sua banca, um antigo cliente, todo modernizado com seu tablet a tiracolo, cheio de letra impressa, insultando o papel, o papel que fundou a civilização moderna.

A leitura sobre superfícies de papel era para ele um gesto quase litúrgico. Aprendeu e fixou esses conhecimentos e outros, muitos outros, enterrando a cara nos fascículos semanais, desses que compõem enciclopédias, entre elas uma *História Universal do Papel*, que colecionou, encadernou e transmitiu aos seus filhos e depois netos. Lamentava não venderem mais enciclopédias a granel, embora outros impressos fossem atrativos, desses que vêm acompanhados de cópias-miniaturas de objetos tais como carros em modelos históricos, mobília colonial brasileira, embarcações a vela, vestimentas de época, maquetes medievais, que interessam a crianças e adultos.

Joaquim conhecia bem o Esteves e procurava prestigiá-lo como captador incansável de leitores do bairro. Igual nesta Copacabana inteira, não havia.

— Desses que leem tudo e recomenda leitura aos clientes?

“Esteves sabe das coisas”, pensou Joaquim, no seu vivo interesse pela figura do velho, fonte permanente de histórias, e por isso sempre lhe devotava atenção. Sim, era ele que importava, e não jornal, papel, livro... ah, livro sim, sua história, sua figura destroncada do tempo.

— Vamos lá, Esteves, mostre-me uma história — quase lhe gritava.

Estudou-o mais uma vez lá de cima, gozando da visão privilegiada que todo jornalista procura construir para si, e também o escritor, ou um morador qualquer, colocando-se sempre acima de qualquer outro mortal para se servir em suas histórias.

Acenou para ele, que acenou de volta.

Viu qual era o jornal que o Esteves segurava e ensaiou uma hipótese sobre o que lia. É que seu interesse havia voltado para a cena geral da praça na qual passou a ter o velho como protagonista. “Cadê, palavras?”.

Subitamente, perdera o interesse pelo jornal quando dois adolescentes que pareciam ser namorados se colocaram em outro banco ao lado do seu, distante dez metros se tanto. Pareciam combalidos pela excitação talvez da noitada que se concluía agora pela manhã a julgar pelas roupas que trajavam.

O velho Esteves deixou-se atrair pela curiosidade. Para não ser percebido espionando, disfarçou, escondendo-se atrás das folhas que teve de escancarar novamente a sua frente. A moça falava alto, exaltada, embora procurasse ser comedida. O rapaz tentou acalmá-la, sem êxito. Daí a pouco se reconciliavam, dedução evidente por terem se agarrado num beijo que lhe pareceu frio.

O velho esperou o desenrolar dos fatos. O jornal e suas histórias, seus artigos e crônicas, seu sisudo editorial, não conseguiam competir em igualdade de interesse com a cena viva que se desenrolava ao lado. As duas histórias de que se

ocupava não se faziam com os mesmos recursos narrativos, e talvez ele tivesse apenas uma consciência intuitiva disso.

É o que o velho Honorato também faria, pensou, lembrando-se dos velhos mitos e lendas que alimentava a respeito da atividade de reportar.

Do seu ponto de vista, Joaquim assistiu a outros personagens se movendo, mas o velho e os dois adolescentes, mais o terceiro que chegou por último, acendeu a celeuma, o conflito que apontava para um enredo...

A garota, já tão encorpada, diferente do rapaz, ora se plantava na frente de um com dedo em riste na cara dele, ora acorria para o outro, como se tentasse provocá-lo.

A cena lembrava uma pantomima, com uma pequena coreografia, sem texto, posto que não dava para ouvir o que diziam. No mais era a vida mundana seguindo o seu curso, dentro de cenários que precisariam ser descritos para que ali se desenvolvesse alguma ação de interesse. No fim, Joaquim de Assis concluiu: aquela cena se perderia para sempre nos desvãos da memória, absolutamente sem interesse para a história com H maiúsculo, e se perderia na poeira dos dias e da memória.

Abandonou a janela e, por sua vez, abriu o seu próprio exemplar de jornal sobre a mesa — lugar ideal para ler aquelas folhas de dimensões desmesuradas que o mundo digital tornou sem propósito, em face das telas espacialmente econômicas dos dispositivos. Passeou os olhos por elas, em sucessão. Parou aqui e acolá, se deteve mais longamente em uma página ou outra, passou batido pela sua crônica e concluiu decidido,

Contato:

arruda.sergio@gmail.com

[facebook.com/sergio.arruda.37](https://www.facebook.com/sergio.arruda.37)



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2022.

